

**Título de la ponencia:** “Transformando uma muralha em fronteira: o caso da Serra do Mar no Sudeste Brasileiro e a produção de café no século XIX”

**Ponentes:** Rogério Ribeiro de Oliveira, Prof. Dr., Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Joana Stingel Fraga, Prof. MSc, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro y Lucas Santa Cruz de Assis Brasil, Prof. MSc, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

**Correo electrónico:** [rro@puc-rio.br](mailto:rro@puc-rio.br)

**Línea temática:** Geografía Histórica

**Resumen:** As montanhas sempre desempenharam o papel natural de fronteiras, cumprindo as funções de separação política, econômica, social ou ecológica. O Vale do Rio Paraíba do Sul está localizado no Sudeste do Brasil e em seu alto curso abarca parte dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Essa região foi palco de intensa produção de café nos séculos XVIII e XIX. O auge da produção cafeeira no Vale do Paraíba ocorreu na década de 1850/1860. No ano de 1854, a produção anual de café no Vale foi de 2.730.000 arrobas. Havia, no entanto, uma barreira para o escoamento da produção para o litoral: a Serra do Mar. Antigas conexões entre o Vale do Paraíba e o litoral (caminhos de indígenas) através da Serra do Mar foram utilizadas posteriormente para o escoamento dos minérios e depois o café. O presente trabalho se ocupa dos processos históricos e ecológicos da transposição da Serra da Bocaina. Trata-se de um trecho da Serra do Mar, com altitudes superiores a 1700 m. Esta fronteira natural à exportação do café somente poderia ser vencida se a mesma tornasse permeável à penetração humana. No entanto, a exportação maciça do café compreende uma logística complexa e condições próprias para o seu transporte. Isso só foi possível por meio de um conjunto de transformações na sua paisagem. A abertura de caminhos foi a primeira dessas etapas. No entanto, as condições de declividade do relevo impuseram a necessidade do seu calçamento com pedras, o que foi feito em um trecho de cerca de 40 km (entre Resende e Mambucaba, no litoral). Sua largura média é de 2,5 m e é calçado em sua maior parte por rochas, algumas com cerca de 1 m<sup>2</sup>. Como a fitomassa da Mata Atlântica é virtualmente impalatável por muare e cavalos, houve a necessidade da implantação de pastagens em pontos dominados por floresta densa. Neste trabalho propomos a hipótese de que os chamados *campos da Bocaina* (formação aberta nas cimeiras da Serra) são de origem antrópica. Neles são encontradas espécies de gramíneas exóticas (africanas) como o capim-gordura (*Melinis minutiflora* P. Beauv.). Muito provavelmente eles foram abertos no passado para servir de pasto às tropas que transpunham a serra. O presente trabalho também traz resultados de estudos de campo sobre parte da composição florística das margens deste caminho. Em meio à Mata Atlântica densa são encontradas espécies exóticas, provavelmente cultivadas por sítiantes e tropeiros. Dentre estas, estão o cacau (*Theobromacacao* L.), a laranja-da-terra (*Citrus aurantium* L.) e o limão-galego (*Citrus aurantifolia* (Christem.) Swingle). Tratam-se de espécies-testemunho de um uso da floresta no passado. Assim, a Serra da Bocaina representou no passado uma fronteira osmótica, que foi tornada permeável pelas alterações antrópicas, com influências recíprocas entre os componentes humanos e não humanos da paisagem.